

AVREA SÆCVLA

IGNACIO J. ADIEGO

JAIME SILES

JAVIER VELAZA

edd.

**STVDIA
PALÆOHISPANICA ET
INDOGERMANICA
J.VNTERMANN
AB AMICIS HISPANICIS
OBLATA**



UNIVERSITAT DE BARCELONA

PUBLICACIONS

Studia paleohispanica et indogermanica J. Untermann ab
amicis hispanicis oblata (Aurea saecula ; 10)

Referències bibliogràfiques

ISBN: 84-475-0418-2

I. Untermann, Jürgen II. Adiego Lajara, Ignacio-Javier, ed. III. Siles, Jaime, ed.
IV. Velaza, Javier, ed. V. Col.lecció
1. Llenguatge i llengües II. Inscripcions ibèriques
3. Península Ibèrica

Entitat Editora

UNIVERSITAT DE BARCELONA

ÒRGANS RECTORS:

Rector

JOSEP M. BRICALL

President del Consell Social

JOSEP M. PUIG SALELLAS

© PUBLICACIONS UNIVERSITAT DE BARCELONA

1^a Edició: BARCELONA setembre 1993

Tots els drets d'aquesta publicació (inclòs el disseny de la coberta)

PUBLICACIONS DE LA UNIVERSITAT DE BARCELONA

Impressió: E. Gráficas Rey, S.L.

Dipòsit Legal: B-26.561-93

ISBN: 84-475-0418-2

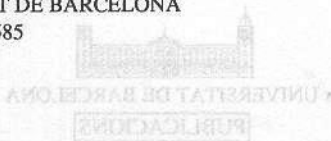
Tiratge: 600 exemplars

Direcció i Administració de la publicació

PUBLICACIONS UNIVERSITAT DE BARCELONA

Gran Via de les Corts Catalanes, 585

08007 Barcelona



José d'Encarnação

O meu primeiro contacto com a obra de Jürgen Untermann situa-se nos finais da década de 60, quando, ao preparar a dissertação de licenciatura sobre divindades indígenas ao tempo dos Romanos no território actualmente português, li num seu trabalho¹ o estudo sobre uma estranha inscrição rupestre do Castro dos Três Rios, perto de Viseu. Apreciei desde logo o rigor do raciocínio e é justo salientar que as conclusões a que então chegou ainda hoje detêm validade. A sua investigação no âmbito das línguas pré-romanas peninsulares tocam de perto a problemática da 'religião' e seja-me permitido, por isso, que, com tal pretexto, gostosamente me incorpore nesta homenagem ao Amigo e ao Linguísta, tecendo duas ou três singelas considerações acerca deste tema.

"Religiões pré-romanas"?

'Religião' é, como se sabe, diferente de 'panteão'. Religião implica um conjunto sistematizado de crenças, servido por um corpo doutrinário mais ou menos metodicamente estruturado. Panteão é, por seu turno, a totalidade dos deuses invocados. Religião tem implícita a ideia de mitologia, de panteão organizado, mas vai mais além e, por tal motivo, não nos basta conhecer o nome dos deuses para reconstituirmos uma religião.

Pela epigrafia, através dos ex-votos, é-nos possível chegar ao conhecimento desses nomes divinos. A cuidadosa análise da sua etimologia -e aqui nos relacionamos com os estudos de J. Untermann- permitir-nos-á talvez penetrar no segredo dos seus atributos, porque partimos da convicção de que o nome lhes foi dado justamente tendo em conta as suas funções. Mas daí até penetrarmos no amago da religião vai um grande passo....

Por conseguinte, a primeira preocupação do epigrafista é a de ler bem, com precisão, os teónimos, a fim de possibilitar ao linguísta a mais rigorosa base de dados para as suas interpretações. Daí que as novas técnicas e, sobretudo, os

¹"Miscelaneas I: pigráfico-Linguísticas", *AEA* 38 (1965), pp. 8-25.

novos achados proporcionem constantes revisões de leitura. Essa, a preocupação que tive ao elaborar o supracitado trabalho², que felizmente veio abrir caminho a outros, de que me apraz citar a obra *Religiões Antigas de Portugal* de José Manuel Garcia, também ela publicada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda (Lisboa 1991), que se apresenta como «Aditamentos e Observações às "Religiões da Lusitania" de J. Leite de Vasconcelos - Fontes Epigráficas» e cuja consulta doravante se revela obrigatória.

Ocorrerá, então, perguntar: uma obra como *Religiones Prerromanas*, de J. M. Blázquez, que é o tomo 77 do projecto intitulado *Primitivas Religiones Ibéricas*, publicada por Ediciones Cristiandad (Madrid) há já dez anos, ou seja, em 1983, mas acabada de redigir um ano antes, estará inteiramente desactualizada?

Divide-se este volume de J. M. Blázquez nas seguintes capitulos: I - A religião dos Tartéssios (pp. 17-134); II - A cultura turdetana (pp. 135-171); III - Os Iberos (pp. 173-213); IV - Outros povos da Península (Lusitanos, Celtiberos, Vetões, Carpetanos, Galaicos, Astures, Cântabros e Vascões - pp. 215-276); V - O panteão indígena (pp. 277-309).

Interessou-me, de modo particular, para o tema em apreço, este capítulo V, que é completado pelo apêndice III (pp. 477-488), meticulosa lista de 'leonimos hispanos' elaborada por María de Lourdes Albertos.

O capítulo IV também se prende directamente com o último. O título não tem, à primeira vista, nada a ver com o conteúdo do volume; mas, no fundo, o que o autor aí quis tratar foram as diversas manifestações tidas por religiosas de que há conhecimento na área de implantação desses povos.

Assim, por exemplo, para apontar as "características" da religião celtibérica, anota J. M. Blázquez a possibilidade de existência de um sacerdócio em Hispania (pp. 227-228); refere praticamente todos os santuários conhecidos (lá se fala do de Couto de Algeriz, perto de Chaves, do de Panóias, do de Endovélico...); alude aos sacrifícios e rituais documentados (texto de Cabeço das Fráguas, ara de Marecos, frases inscritas nas penedias de Panóias a que, aliás, Géza Alföldy recentemente atribuiu, na verdade, um preciso carácter de 'didascália' do ritual a cumprir³...).

Há aqui, como é próprio dos trabalhos de Blázquez Martínez, a preocupação de tudo anotar, juntando os elementos que, em seu entender, são significativos para a temática em apreço. O conjunto nem sempre ganha, no entanto, em clareza e coerência lógica, correndo o leitor desprevenido o sério risco de perder o fio à meada, entretido como está no dédalo da miúda informação que lhe é apresentada. Lá, se virmos bem, acaba por estar tudo o que se procura - mas é preciso procurar bem.

Apesar dos rituais já documentados, a religião dos povos pré-romanos peninsulares continuará envolta em mistério ainda por um certo tempo. Verifique-

²*Divindades Indígenas sob o Dominio Romano em Portugal*, Lisboa 1975.

³Trata-se da comunicação feita a uma reunião científica em Itália, em 1992, intitulada "Panóias, un santuario rupestre en Portugallo: iscrizioni, sacrifici, misteri", cujo texto dactilografado teve a amabilidade de me dar.

se, aliás, que é próprio J. M. Blázquez preferir falar de «religiões», no plural, e não apenas de *religião*. Sob esse plural estará implícita não somente a ideia de *pluralidade* mas também, imagino, uma certa perplexidade perante um mundo religioso de que poucos dados ainda dispomos para abarcar no seu todo.

Afinal, só agora se começa a lançar luz sobre o tipo de cerimónias levadas a efeito, por exemplo, nos santuários rupestres, que serão, sem dúvida, o que de mais representativo pode haver em relação aos povos pré-romanos. A epigrafia votiva que nos ficou segue já os modelos romanos e, portanto, a partir daí, já se não poderá falar, com propriedade, de manifestações religiosas *pre-romanas*, atendendo ao elevado grau de aculturação verificado, sem que se saiba exactamente, como já tive ocasião de assinalar⁴, que elementos pertencem aos romanos e quais aos indígenas, uma vez que a aculturação é um processo assaz dinâmico, onde não há vencedores nem vencidos.

Por conseguinte, a análise linguística da teonímia apresenta-se, na verdade, já o dissemos, como um dos caminhos mais válidos para se penetrar, ainda que timidamente, no mundo religioso dos povos pré-romanos peninsulares.

Quantos deuses?

Escreve, a dado passo, J. M. Blázquez: "La epigrafía latina ha conservado los nombres de más de 320 divinidades hispanas diferentes, fechadas casi todas las dedicatorias en época imperial y, más concretamente, desde finales de la república romana hasta el siglo II inclusive, o la primera mitad del siguiente, de las que ofreceremos en estas páginas una breve muestra" (p. 223).

Evidentemente que J. M. Blázquez inclui nesse elevado número os epítetos que uma mesma divindade amiúde apresenta. Creio já ter demonstrado que, afinal, cada vez mais se poderá raciocinar em termos um tudo-nada diversos. E sem querer repetir o que já noutros sitios escrevi⁵, penso que maior atenção às variantes regionais dos teónimos dará excelentes resultados. Uma tarefa que, obviamente, epigrafistas e linguistas terão de executar em comum.

Assim, a referida lista de teónimos apresentada em apêndice ao livro de J.M.Blázquez que estou a comentar carece, como é natural, de algumas precisões e acrescentos, quer porque novos monumentos se encontraram, quer porque novas leituras ou interpretações se lograram já fazer.

Permita-se-me, pois, que, em jeito de despretenciosa achega, exemplifique *algumas* dessas novas (e mais recentes) interpretações, já que de novos monumentos se faz eco habitual o *Ficheiro Epigráfico* e, também, mais recentemente, a revista *Hispania Epigraphica* (=HEP). Aliás, o próprio

⁴*Interpretatio romana* - Quelques questions à propos de l'acculturation religieuse en Lusitanie". *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica* (Colónia, 25-28 de Noviembre de 1989), Salamanca 1993, pp. 281-287.

⁵Cf. v. g., Encarnação, José d'. "Divindades indígenas peninsulares: problemas metodológicos do seu estudo". *Estudios sobre la Tabula Starensis* (Anejos de *Archivo Español de Arqueología*, IX), Madrid 1988, pp. 261-276.

J.M.Blázquez se baseou no nº 2 (1990) de *Hispania Epigrafica* para mais uma actualização de dados⁶.

Afigura-se-me, em primeiro lugar, que se assiste a um recrudescimento forçado (passe a expressão) do número de divindades indígenas. Dá, por vezes, a sensação de que, sempre que não se consegue fazer uma leitura satisfatória, sempre que o nome é "estranho", se opta por ver aí um novo teónimo. Basta compulsar o citado trabalho de J. M. Blázquez na *Gerión*, para nos darmos conta de que, em boa parte das vezes, os textos transcritos são de difícil leitura e passíveis de mais do que uma interpretação. Em meu entender, não se pode afirmar, sem mais, que "en Valdegama, Soria, se veneró" uma divindade chamada *Allon...* (art. cit., p. 193) porque, embora esse pretense teónimo venha assinalado como tal nos índices de HÉp 2 1990 (p. 297), o certo é que na inscrição (nº 666), gravada num "bloque de arenisca roto en el lado inferior derecho", apenas se lê:

ALLON[...]/LVMPI[...]/ ARAM / PO[SVIT]

Por que razão não poderemos ver, nas l. 1 e 2, a identificação do dedicante, por exemplo? O antropónimo *Allo* está documentado⁷. Mais 'estranho' seria *Lumpi*, que, à primeira vista, parece um genitivo, mas não se regista um radical *Lump-*. Por outro lado, também o vacábulo *ara* não significa necessariamente um altar votivo, pois, como se sabe, pode equivaler a *sepulchrum*⁸.

Um segundo exemplo refere-se à divindade *Arco*. Se não estamos atentos, baseando-nos apenas no citado artigo J.M.Blázquez na *Gerión* (p. 194), corremos o risco de considerar que em Riba de Salices, Guadalajara, se encontrou mais um testemunho do culto a esta divindade. Errávamos, porque essa inscrição já é conhecida há muito tempo⁹; mas *Arco* não está sempre atestado como antropónimo¹⁰. E não será estranho que haja apenas uma inscrição em que este claro antropónimo parece exercer as funções de deus?

Mais adiante (p. 199), cita-se, embora com dúvida, um novo teónimo: *Onimogeo*. Faz parte da assaz nutrida lista que António Rodríguez Colmenero apresentou, com inúmeras correcções de leituras de inscrições daquela zona da

⁶Cf. o artigo "Recientes aportaciones a las religiones prerromanas de Hispania. II", *Gerión* 10 (1992), pp. 193-203, que vem na sequência do que elaborou para as *Mélanges in honorem Prof. Raymond Chevallier* (ainda não distribuídas no momento de redacção deste texto).

⁷Cf. Albertos Firmat, M^a L., *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca 1966, p. 18.

⁸Cf. *CIL* II, p. 1202.

⁹Cf. *HAE* 394, *ILER* 723. É certo que, nas transcrições que tenho disponíveis (nunca tive oportunidade de ver o monumento, que se conserva no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid) parece indiscutível o desdobramento da fórmula final *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*; a identificação do dedicante também não parece oferecer dúvidas: é *Pompeius Placidus Meducenicum*, ou seja, da 'etnia' dos Meducénicos.

¹⁰Cf. a título de exemplo para a ocorrência deste antropónimo na Península Ibérica: Siles, J., "Una nueva inscripción latina de Carbajales de Alba (Zamora), con nombres prerromanos", *Studia Zamorensia* 1 (1980), pp. 35-42.

Península¹¹. Teve J.M.Garcia oportunidade de chamar a atenção para o facto de, com toda a verosimilhança, estarmos perante mais um testemunho da culto a *Quangenius*¹², uma divindade tutelar que, de há uns dez anos a esta parte, está a registar, de facto, alguma importância epigráfica, pois que se sucedem os testemunhos do seu culto. J.M.Blázquez cita três deles (*art. cit.*, p. 200) e um dos últimos é o pedestal a que também alude (*art. cit.*, p. 201), identificado em Borba, onde se documenta, per primeira vez, o epíteto *Turicaecus*¹³.

E se retomarmos a lista de M^a Lourdes Albertos, verificaremos que vários teónimos apenas se distinguem pelos seus epítetos: serão, pois, o mesmo deus com atribuições tutelares diferentes...

Assim, como tenho salientado¹⁴, há, em meu entender, uma só divindade *Banda*, que assume epítetos locais¹⁵. Vai, por exemplo, ser publicada em breve no *Ficheiro Epigráfico* uma epígrafe achada na Herdade do Castelo (Maranhão, Avis), dedicada por *Rufinus Rufi filius*, a esta divindade que, em dativo, nela se identifica de novo como *Bandi* mas com um novo epíteto, neste momento ainda por decifrar inteiramente, mas seguramente terminado em *-o*, ou seja, no masculino (vide foto 1). Aqui está, por exemplo, um fecundo campo de investigação para os linguistas: as diversas grafias do nome dos teónimos, que, inclusive, parecem assumir géneros diferentes. Estou a recordar também a correcção de leitura -que em tempos apresentei¹⁶- do "teónimo" *Rannelpicio* constante ainda da lista de Lourdes Albertos (p. 484): li *Bannei Picio*, sendo *Bannei* uma variante de *Bandei* (dativo céltico alongado que outras vezes se documenta) e *Picio* o epíteto por que a divindade é invocada, v. g., em Oliveira do Hospital (*ibidem*, p. 484).

O que se afirma sobre *Banda*, poderá dizer-se em relação a *Arentius*, a *Nabia*, a *Reva*, a *Cosus*...

O achamento de novos epígrafes tem proporcionado também a correcção de anteriores leituras, porquanto o que é complicado neste domínio é justamente o

¹¹No livro *Aquae Flaviae: I - Fontes Epigráficas*, 2 volumes. Câmara Municipal de Chaves 1987 e 1988.

¹²Com Q e não com G, como J.M.Blázquez indica por lapsó. Aliás, acresce a estas naturais dificuldades o facto de, em geral, os recentes trabalhos de J. M. Blázquez neste domínio se apresentarem com muitas grialhas tipográficas. Por exemplo, dificilmente o leitor que esteja menos afeito a esta problemática, designadamente se não conhecer bem a território peninsular (o que, diga-se, nunca poderemos exigir a ninguém), poderá saber que a árgula dedicada a Minerva citada na p. 198 se deve incluir no panteão da conhecida cidade romana de Conimbriga, porque no texto se diz que ela «procede de la Freguesia Candeixa-a-Velha» (sic). Realmente, Condeixa-a-Velha é a freguesia em cujo território administrativo se integra Conimbriga, mas escrito daquela forma temos dúvida em que facilmente se posso identificar o sítio.

¹³O monumento foi estudado por R.A. E. Alfenim: "Ex-voto a Quangeio Turicaeco", *FE* 38 (1991), nº 174. Af se indicam os outros testemunhos peninsulares.

¹⁴Nomeadamente na comunicação citada na nota 5.

¹⁵Resumi, na introdução ao artigo "Divindades indígenas da Lusitania" (*Conimbriga* 26 (1987), p. 12), a problemática que se prende com a divindade *Banda* e a interpretação dos seus epítetos, referindo-me, de modo especial, à comunicação "La religión de los pueblos preromanos de Lusitania" apresentada por Javier de Hoz às jornadas sobre *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania* (Actas: Cáceres 1986, pp. 31-49).

¹⁶Vide: Encarnação J.d' - Carvalho R., *Belver ao Tempo dos Romanos - A População e Suas Crenças*, Portalegre 1984, pp. 13-15.

facto de estarmos frequentemente perante palavras únicas, de estranha grafia (vide foto 2). Demos dois exemplos:

Uma nova ara procedente de Granja dos Belgaios (Ladociro, Castelo Branco), que também val ser brevemente publicada no *Ficheiro Epigráfico*, permitiu corrigir a leitura *Dipianciae*¹⁷ para *Oipaengiae* e aqui, sim, parece que teremos uma nova divindade, *Oipaengia*, mais um quebra-cabeças para os linguistas.

Num outro trabalho de J.M.Blázquez¹⁸, transcreve-se o texto de uma *tessera gladiatoria* procedente do território entre Niebla y Moguer (Huelva) e publicada por Pablo Piernavieja¹⁹, muito provavelmente oferecida, no ano 27 da nossa era, *Borea Cantibedonesi*, uma divindade. P.Piernavieja aproxima o vocábulo *Borea* do epíteto *Borus* com que o deus Marte é invocado em Idanha-a-Velha²⁰; poderíamos também aproximá-lo, quicá mais facilmente, de Bóreas, o vento norte. Contudo, o que neste texto particularmente me chamou a atenção foi o epíteto da divindade, *Cantibedoniensis*, verosimilmente de tipo geográfico. É que ele figura também em duas aras achadas em Segura, onde a divindade se identifica (em dativo) ERBINE IAEDI CANTIBIDONE²¹. Cá está mais um caso a que a Linguística poderá trazer grande luz.

Doutras vezes, caberá ao epigrafista labutar por fornecer dados mais claros, a fim de não se construírem teorias etimológicas com base em elementos assaz duvidosos. Dou um exemplo: *Viboni*²² não é, de facto, um teónimo, como aliás se suspeitara. Procedente do antigo santuário da Senhora da Hedra, freguesia de Espinhosela, concelho de Bragança, esta árula de granito, incompleta, que ora se expõe no Museu Regional de Bragança Abade de Baçal (vide foto 3), ostenta, na verdade, um texto de difícil interpretação na sua parte final:

[FL]ACC/VS . VI/RON[I] / S. L. V. / V.

De facto, no começo da l. 3, hesita-se entre B e R, mas a ocorrência do patronímico *Vironi* na epigrafia peninsular é suficientemente significativa²³ e, por

¹⁷García J.M., *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco 1984, 53-54.

¹⁸Blázquez-Martínez J.M. y García-Gelabert Pérez M. P., "Nuevas aportaciones a las religiones primitivas de Hispania", *Espacio, Tiempo y Forma*, série II, 1 (1988), pp. 153-183. Infelizmente, pela falta de revisão tipográfica que patenteia, este artigo torna-se de muito escassa utilidade.

¹⁹In "*Denudator gymnasi u. s. Arescu*", *Anejos de Gerión (Homenaje a García y Bellido)*, V, 1 (1988), pp. 359-379 [datado de 1972]. A referência a este texto e seu comentário vem nas pp. 233-234.

²⁰Cf. Encarnação J. d., *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa 1975, pp. 233-234.

²¹Cf. Curado F. P., "As aras da capela de Santa Marinha (Segura - Idanha-a-Nova)", *Raiano*, Outubro 1988, p. 6.

²²Cf. a obra citada na nota 20, p. 298.

²³Cf. *ILER*, p. 766.

outro lado, não se regista um eventual radical *Vib-*. Incluiria, pois, esta epígrafe no número daquelas em que, por ser conhecido, o teónimo se não menciona²⁴.

O templo de Nossa Senhora da Hedra foi, decerto, edificado no sítio de um santuário romano e daí proveio uma outra epígrafe (hoje desaparecida) dedicada a *Bandua*²⁵. Não nos repugna, portanto, que também a essa divindade o indígena Flaco, filho de Virono, tivesse oferecido este ex-voto.

Que deuses?

De qualquer modo, apesar de todas estas dificuldades e incertezas, poderemos desde já garantir:

-que os povos pré-romanos peninsulares eram politeístas;

-que cada etnia ou região -ou seja, que cada grupo definido segundo conceitos de geração ou de território- podia ter uma divindade própria ou uma forma própria de invocar uma divindade de carácter (digamos assim) mais globalizante²⁶;

-que adoravam as forças da Natureza mais directamente relacionadas com o seu dia-a-dia ou a sua sobrevivência como indivíduos ou como grupo (os rios, as nascentes, as montanhas...);

-que cedo começaram a ter com a divindade (se é que já não tinham antes) um relacionamento "contratual" do género "cumpro para que tu cumpras também";

-que, antes de os Romanos lhes ensinarem a construir templos, prefeririam encontrar-se com o Sagrado em sítios ermos, propiciadores (quiçá por força da atmosfera envolvente) de mais fácil comunicação com o Além.

²⁴Encarnação J. d' "Omissão dos teónimos em inscrições votivas", *Veleia* 2-3 (1985-1986), pp. 305-310). Permita-se-me que aproveite o ensejo para clarificar uma afirmação que faço neste artigo, a propósito da ocorrência da palavra *deus*. Escreve J. M. Blázquez (*Gerión* 10 (1992), p. 196), a propósito de *Dius Ceceagis*: "J. d'Encarnação defiende que las palabras *deus*, *dea*, podían indicar la existencia de un santuario. Sin negar esta interpretación, creemos que se trata de cultos indígenas, que tenían una imprecisión en su carácter, *divi*, como en Clunia, Burgos, s. I-II". Eu não defendo que sempre que apareça a palavra *deus* ou *dea* estejamos perante a possibilidade de o monumento se destinar a um santuário. Eu considero que tal muito provavelmente acontece quando, num texto em que o teónimo não vem expressamente mencionado, o *deus* é identificado por meio desse nome comum. O meu texto diz simplesmente: "[...] Afigura-se-nos inteiramente admissível que, numa inscrição destinada a figurar em determinado local de culto, o teónimo [...] seja substituído pelas palavras *deus* ou *dea*, sem que a estes vocábulos se deva atribuir outro significado que não o da divindade venerada naquele local, independentemente das suas características (clássicas, indígenas ou orientais)" (p. 310). A argumentação, aliás, partia dum caso muito concreto: o da ara de Talaíde (ITE 24) cuja inscrição diz o seguinte: AVGVS ET / IHERMES DEAE / MAGISTRI / DONVM. Em meu entender, aqui a palavra *dea* identifica o deus adorado no santuário local, cujo nome toda a gente conhecia e, por isso, não era preciso mencionar. Os sacerdotes eram-no da *dea* ali venerada, não duma outra qualquer. Trata-se, pois, de um caso muito especial que não se pode aplicar, sem mais, noutras circunstâncias. É evidente que a palavra *Dii* -ainda por cima acompanhada de um epíteto tópico- detém, como afirma (e muito bem) J. M. Blázquez, um carácter genérico, servindo unicamente para qualificar, para outorgar a qualidade divina, nada mais.

²⁵Cf. a obra citada na nota 20, pp. 139-140.

²⁶Cf., a este propósito, Alarcão J. de, "Divinidades da Beira: ensaio de geografia religiosa", *Arqueologia Hoje* 1 (1990), pp. 146-169.

Seguindo un critério que já utilizara numa das suas primeiras obras²⁷, J.M.Blázquez enumera, do panteão indígena, os deuses infernais; as divindades ligadas a montes, árvores, águas, caminhos; as divindades cujo nome foi formado a partir de topónimos ou etnónimos, assumindo-se assim como protectoras dessas entidades; as divindades assimiladas, com maior ou menor grau de sincretismo, a outras romanas, como *Fortuna, Tutela, Juno, Lares, Genius...* E, antes de terminar esse capítulo com uma panorâmica geral acerca do panteão do que designa de "Hispania Indoeuropeia", o autor escreve o seguinte e único parágrafo acerca da "formação dos teónimos hispanos":

"Un número muy elevado de teónimos hispanos son compuestos y parecen ser de un gran arcaísmo. Se distinguen dos variedades en los nombres de divinidades claramente. En la primera sólo se declina el segundo elemento, quedando el primero en forma temática. La segunda variedad flexiona ambos elementos. Muchos teónimos aluden a la situación geográfica del culto" (p. 306).

Mais adiante (p. 308), já nas referidas considerações finais, diz-se ainda: "En la Península Ibérica se observan también las tres funciones indoeuropeas: sacerdotal, militar y productiva, aunque de la primera se dispone de pocos datos, señalados por G. Dumézil". E: "Es probable, como ocurre en la religión celta, que teónimos distintos sean advocaciones de la misma divinidad y que expresen una misma noción común".

São afirmações fundamentais, donde importaria retirar conclusões, aplicáveis depois no trabalho a desenvolver. Ali são apresentadas exactamente como conclusões, mas será interessante retomá-las, com os exemplos concretos deixados ao longo do volume. Há, pois, ainda um largo caminho a percorrer.

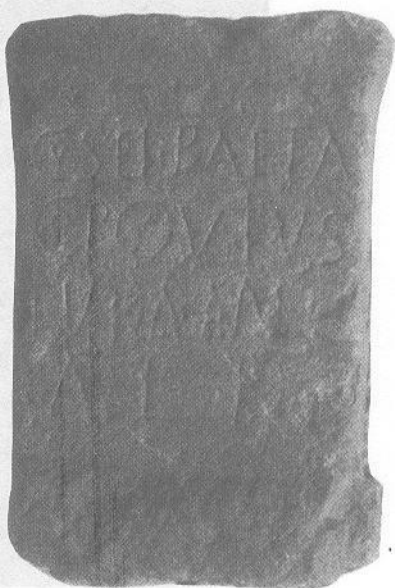
Livros como o citado de J. M. Blázquez serão sempre úteis por darem conta das fases por que tem passado a investigação neste domínio. Pouco a pouco, porém, a simples enumeração de testemunhos vai cedendo lugar a uma inter-relação mais consistente, onde a Linguística desempenhará sempre um papel fundamental. Embora seja difícil prever se, um dia, da simples análise das manifestações religiosas originárias dos tempos pré-romanos -designadamente as epigráficas²⁸- se poderá passar a falar, com plena propriedade, de "religiões pré-romanas", mesmo que seja no plural.

²⁷*Religiones primitivas de Hispania I: Fuentes literarias y epigráficas*. Roma 1962.

²⁸Para o volume de homenagem ao saudoso e malgrado Amigo Marcel Le Glay, a publicar pela *Latomus*, tive ocasião de preparar um texto intitulado "La contribution de l'épigraphie à l'étude de divinités indigènes dans la Péninsule Ibérique".



1. Ara de Maranhão, a publicar no *FE*:
RVFINV/S . RVFI . F / BANDI .
S/AVSABIO [?] . V . A . L . S .
As regravações a que amiúde as pedras
são sujeitas dificultam ainda mais a
leitura das epígrafes. Também nem
sempre se dispõe, de imediato, de
aparelhagem fotográfica em condições
ideais. Foto de José Rafael da Silva.



2. Ara de Aguada de Cima, publicada
no *FE* 70. Além da leitura inicial
CVSEI PAETA[I?]CO talvez se possa
ainda propor, perante esta nova
fotografia (de Maria da Conceição
Lopes): CVSEI BAETEACO. Só o
achamento de outra ara, em melhores
condições de legibilidade, poderá
ajudar na decisão.



3. Fragmento da áruia dedicada por
Flaccus. Foto de Augusto Lemos para
o novo *CIL* II.